

A IMPORTÂNCIA DAS INTER-RELAÇÕES FAMILIARES NA CONSTITUIÇÃO DA LINGUAGEM DO SURDO BILÍNGUE: UM ESTUDO DE CASO

THE IMPORTANCE OF FAMILY INTER-RELATIONSHIPS IN THE CONSTITUTION OF THE LANGUAGE OF THE BILINGUAL DEAF, A CASE STUDY

Izabelly Correias do Santos Brayner¹
Matheus Lucas de Almeida²

Resumo: Por acreditarmos na importância das inter-relações familiares na constituição da linguagem e do sujeito, enxergando que é no seio familiar que se ocorre grande parte dos (des)incentivos linguísticos e comunicacionais, a presente pesquisa tem como objetivo analisar as considerações de uma mãe acerca da educação de seu filho surdo baseada na abordagem Bilinguismo. O estudo possui uma metodologia qualitativa e os resultados obtidos comprovam a eficácia (se realizada da maneira adequada) da filosofia Bilinguismo. O que reforça a importância dessa abordagem dentro dos âmbitos educacionais, visto que é com o suporte dela que os sujeitos surdos demonstram aprender com maior facilidade os conteúdos escolares.

Palavras-chave: Libras. Língua Portuguesa. Surdez. Bilinguismo.

Abstract: Due to our thoughts about the importance of family interrelations in the constitution of language, we believe that it is in the household that a great deal of linguistic and communicational incentives occurs. In order to that the research aims to analyze the deaf student's mother considerations about her son educational background based on the bilingualism approach. The study has a qualitative methodology and the results show the effectiveness (if it is performed properly) of the Bilingualism philosophy. It also reinforces the importance of this approach in the educational system, since its supports help deaf students learn more easily the school contents.

Keywords: Brazilian sign language. Portuguese Language. Deafness. Bilingualism.

INTRODUÇÃO

1. O percurso histórico da Libras e a ascensão do bilinguismo

Fazendo um breve panorama das histórias das línguas de sinais pelo mundo, Festa e Oliveira (2012) comprovam como foi o processo de inserção social desses sujeitos e de suas línguas naturais. Como comentam as autoras, as vozes sobre a surdez se constituíram sobre o afastamento do dito normal, ressaltando a deficiência e alegando a incapacidade, concepções essas que ocorreram sem embasamento científico. Como comenta Mori e Sander (2015):

¹ Doutora pelo programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco. Professora assistente da Universidade de Pernambuco e da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: izabelly.correias@gmail.com

² Mestrando pelo programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba. Professor do Núcleo de Línguas e Cultura da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: matheus.luks@hotmail.com

Enquanto os gregos veneravam o intelecto dos seus líderes e mestres, os romanos idolatravam corpos delineados por músculos expressivos e robustos. Esses povos não valorizavam as pessoas que não possuíam os atributos de intelectualidade ou de virtude corporal. As deformidades eram consideradas como aberrações ou castigos dos deuses. (MORI E SANDER, 2015.p.2)

De acordo com Festa e Oliveira (2012), com os indivíduos surdos não foi diferente, pois a voz de autoridade carregada de padrões normativos refletia nestes uma pessoa sem direitos, pois a linguagem desde a Antiguidade estava, erroneamente, diretamente relacionada à utilização da língua oral. Sendo assim, a construção das concepções acerca da surdez era algo obscuro, sendo majoritariamente permeada pelo senso comum – que era centralizado para a produção da fala e não na constituição do sujeito. E através desses processos da não aceitação do outro, surgem manifestações que expressam preconceitos e ferem, mesmo que simbolicamente, o diferente.

Dessa forma, até o século XV, não haviam muitos programas que se dedicassem a educação de surdos. E é no final da Idade Média, que começam a surgir os trabalhos pioneiros na área da educação de crianças surdas. Tendo os registros iniciais de educadores surdos no Ocidente surgido a partir do século XVII, principalmente na Espanha, França, Inglaterra e Alemanha. Contudo, foi apenas no século XVIII que a comunidade encontra um espaço social propício para se inserir e poder utilizar a língua de sinais. Contudo, é a partir de 1860 que o método oral começa a ganhar força, pois os profissionais começaram a investir no ensino da língua oral para os surdos. Como comenta Strobel (2008 *apud* FESTA E OLIVEIRA, 2012), nesse momento surge a ideia, defendida por alguns profissionais até hoje, de que a língua de sinais seria prejudicial para a aprendizagem da língua oral.

Duas décadas depois, ocorreu em Milão o II Congresso Internacional sobre Educação de Surdos. Momento no qual foi realizada uma votação para eleger qual seria o método mais adequado para o processo educacional dos surdos, se a utilização da língua de sinais como já vinha ocorrendo ou a utilização apenas da língua oral. O resultado foi que o oralismo puro (utilização apenas da língua oral) foi eleito como a melhor abordagem, o que acarretou a proibição da utilização da língua de sinais nas escolas por esses sujeitos (FESTA e OLIVEIRA, 2012).

Além disso, no século XIX o uso da língua de sinais foi proibido e a ciência buscava corrigir a surdez. Concomitantemente a isso, os surdos reelaboravam suas identidades enquanto sujeitos dotados de língua e de possibilidades, não se reconhecendo mais apenas como deficientes incapazes. Contudo, é em 1979 que Suzanne Boral-Maisong executa a primeira experiência baseada no Bilinguismo na França, numa classe com uma professora ouvinte e uma surda, o que retoma o ensino para surdos a partir da língua de sinais.

No Brasil, a educação de surdos teve seu *start* em 1850 quando Dom Pedro II foi a França e conheceu o trabalho realizado pelo Instituto de Surdos de Paris, fundado pelo abade L'Épée. Após esse contato, o antigo Imperador convida o professor surdo E.Huet para iniciar o trabalho com surdos no

Brasil (FELIPE, 2007). Em detrimento disso, a língua de sinais francesa é combinada com os sinais já utilizados pelos surdos brasileiros, fenômeno que dá origem a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Todavia,

[...] no Brasil, os anos de 1888, quando é assinada a Lei Áurea – da libertação dos escravos, e em 1889 quando é constituída a República no país, os surdos em sua educação passam a ser escravizados diante dos ditames do oralismo, sendo-lhes muitas vezes, atadas suas mãos para se comunicarem visualmente, obrigando a se manifestarem através da oralidade. Vemos dissonante estes dois lados, de um a liberdade, democracia e a evolução política e social do Brasil, de outro a escravidão, a ditadura e o retrocesso na educação de surdos. (MORI e SANDER, 2015.pag.7)

Apesar da proibição, os surdos continuaram a usá-la escondidos. Em um processo no qual os sinais sobreviveram através do uso entre eles em momentos nos quais seus professores ouvintes não estavam olhando ou fiscalizando, numa prova de cumplicidade e de identidade entre os sujeitos que utilizavam a língua de sinais (MORI e SANDER, 2015). Nesse processo de lutas, conquistas e empoderamento, a família tem um papel fulcral no desenvolvimento e nas vitórias desses sujeitos. Tendo em vista que, durante a formação cognitiva, social e linguística da criança, o diálogo com esses pares adultos irá ajudar na construção de sua identidade e em seu desenvolvimento integral (BARBOSA, 2016).

Segundo Silva & Bastos (2013) *apud* Barbosa (2016), na maioria das vezes, o problema mais frequente para a pessoa surda é a carência de diálogo e, conseqüentemente, do entendimento dentro do próprio ambiente familiar devido à falta de uma língua em comum, o que ocasiona profundas frustrações nesses sujeitos. Ou seja, as inter-relações dos membros familiares são primordiais na constituição da linguagem e na socialização do sujeito (BARBOSA, 2016).

Apesar de resumido, o panorama histórico supracitado mostra como foi e como ainda é árdua a (r)existência da comunidade surda, não apenas no Brasil, mas no mundo. O que comprova a necessidade de estudos e políticas que visem modificar essa realidade que, infelizmente, por vezes, ainda reflete aquilo que os Romanos acreditavam no início da civilização.

2. Dificuldades no desenvolvimento da L2

Atualmente, apesar de existirem diferentes correntes filosóficas no que diz respeito à Educação de Surdos, como a Oralista, a Comunicação Total e o Bilinguismo, a última abordagem é a mais apreciada entre muitos pesquisadores – como Góes (1996), Quadros (1997) e Fernandes (2006). Isso ocorre, pois essa é a proposta de ensino que considera a Língua de Sinais como a língua de instrução dos sujeitos surdos, ou seja, como sua primeira língua (L1), que deve ser aprendida o mais cedo possível. Logo, a Língua Portuguesa escrita é compreendida como segunda língua (L2); língua de acesso ao conhecimento, que deve ser ensinada a partir da Língua de Sinais, baseando-se em técnicas de ensino de segundas línguas.

Todavia, como pontua Santos (2016), mesmo tendo sido vivenciado os quinze anos da conquista da Lei nº 10.436/2002 no Brasil, que reconhece a Libras como meio de expressão e comunicação da comunidade surda brasileira e os doze anos do Decreto nº 5.626/2005, que regulamenta a lei supracitada, o maior aprendizado foi acerca do que não devemos fazer na educação dos surdos. Visto que na prática é difícil encontrarmos escolas que utilizem a abordagem que considere as duas línguas com efetividade.

Para além disso, é necessário que se haja reflexão sobre outros fatores como os usos das línguas, interlocutores proficientes, possibilidades de adquirir uma segunda língua, métodos formais ou informais na aprendizagem da L2 e a relação de cada sujeito com essa(s) línguas(s). Afinal, “o cérebro humano, por sua natureza plástica e dinâmica, é capaz de novas (re)organizações funcionais resultantes do contexto sócio histórico de que o sujeito participa.” (SANTANA, 2007, p.15). Ou seja, vai ser em decorrência dos estímulos e da maneira como eles ocorrem que os sujeitos irão desenvolver mais qualitativamente ou não tanto a L1, quanto a L2.

Dessa forma, não há dúvidas de que o ambiente e as interações sociais influenciam diretamente a organização cerebral e, automaticamente, a organização da linguagem. Como pontua Santana (2007), a comunicação é o “catalisador” da maturação social, cujo desenvolvimento é retardado em consequência do atraso do desenvolvimento da linguagem. Destarte, faz-se mister levar em conta outros fatores, principalmente os externos. Como por exemplo, o contato com os pais e familiares, indivíduos que estimulam de diversificados modos as crianças.

3. O que é o GEPLIS?

O Grupo de Estudos e Práticas de Linguagem para Surdos (GEPLIS) foi criado no ano de 2015, em parceria com o Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco. O objetivo principal desse grupo de convivência é aprimorar o desempenho da leitura e da escrita na Língua Portuguesa. Para tal, são recebidos alunos surdos que frequentam o ensino fundamental. Além disso, diversas pesquisas já foram e estão sendo desenvolvidas no espaço, visando contribuir cada vez mais para a agenda da academia no que diz respeito às questões relacionadas à surdez e à educação da comunidade surda.

4. (Im)possibilidades no processo de aquisição da linguagem pela pessoa surda: a importância da família.

Um dos fatores que agrava a situação do Brasil na educação de surdos é o processo de aquisição da Libras por esses indivíduos. Afinal, como pontua Fernandes (2006), mais de 90% das crianças surdas

brasileira nascem em lares de pais ouvintes, o que normalmente acarreta a aquisição tardia da Língua de Sinais. Além disso, os fios que conduzem as decisões dos pais ouvintes sobre as ações que irão tomar acerca de seus filhos surdos circulam, basicamente, sobre a vontade de vê-los falar. Se lhes dizem que os sinais prejudicam a aquisição da fala, eles procurarão impedir situações comunicativas em que estes possam passar a aparecer. Se lhes asseguram que isso será possível por meio do implante coclear, eles, de modo geral, o farão. Se lhes afirmam que o filho falará pelo uso da Língua de Sinais, eles tentarão aprender essa língua (SANTANA, 2007).

Essa dificuldade de lidar com outro tipo de língua que não seja a oral faz com que os interlocutores do surdo – inclusive os pais – se vejam diante de uma situação conflituosa, da qual preferem se afastar. E há ainda um medo em relação ao desconhecido, afinal, a surdez e saber cuidar de uma criança surda é algo “misterioso” que necessita ser desvendado. A imagem do surdo é comparada, por vezes, à ideia de algo “monstruoso” (SANTANA, 2007). E isso ocorre em função das cobranças sociais acerca do ser humano “normal” e dos mistérios – e medos – que envolvem o nascimento de um filho “anormal”.

[...] De um lado há o oralismo, que busca a “normalidade” e a fala, procurando dispor de avanços tecnológicos para oferecer ao surdo a possibilidade de ouvir. De outro, existe o bilinguismo, que defende a língua de sinais como sendo a língua dos surdos, e até mesmo a ideia de uma cultura surda específica, direcionando o debate para uma questão política linguística. (SANTANA, 2007. pág.14)

Nesse processo, há conflitos entre a área da saúde, que busca “normalizar”, e a área pedagógica, que procura “diminuir os estigmas”. Esse embate dicotômico busca legitimar o “normal” e os mecanismos capazes de transformar “anormalidade” em “normalidade”.

E essas posições não são tomadas ao acaso, tampouco são neutras ideologicamente. Elas estão relacionadas com os conflitos e as pressões sociais que os surdos enfrentam na sociedade ouvinte: deficiente/diferente; cultura surda/cultura ouvinte; normalidade/anormalidade; linguagem oral/língua de sinais. (SANTANA, 2007. pag. 22)

Frequentemente, a língua dos surdos é comparada à do ouvinte – tomado como falante “ideal” que fala uma língua “ideal”. Por isso, não é difícil imaginar o impacto da surdez sobre uma família ouvinte que tem em mente um filho “ideal” e uma fala, igualmente, “idealizada”. Alves (2012) discorre muito bem sobre o assunto quando fala sobre os dois tipos de mortes na vida das pessoas; a concreta e a simbólica. A primeira ocorre quando uma pessoa morre e desaparece para sempre, e a segunda, é um falecimento em vida; essa é as rupturas que ocorrem ao longo da vida dos indivíduos. Processo que deflagra o mesmo processo de luto da morte concreta:

Quando um filho nasce, a primeira coisa que os pais conferem é se a criança é “perfeita” e, nesse caso, ficam aliviados e comemoram. Caso contrário, há a morte do filho idealizado, e tal constatação gera profunda tristeza, medo do futuro, frustração e vergonha. É preciso vivenciar o processo de luto pelo filho que foi idealizado, para que seja possível estabelecer um vínculo de amor e cuidado com o filho que nasceu (ALVES, 2012. pág.90).

Além disso, o diagnóstico da surdez traz junto com ele os (pré)construtos culturais em relação ao “ser surdo”: impossibilidade de falar, de aprender, falta de inteligência, insucesso na escola, incapacidade de conseguir um bom emprego, etc. (SANTANA, 2007). Por isso é importante que se olhe a surdez não como uma patologia, mas sim, como um fenômeno social, ou político-social. E que além disso, enxergue-se os surdos como indivíduos que afetam e que são afetados pelos discursos e pelas práticas por eles produzidas.

5. Bilinguismo como proposta educacional: o que pensa uma mãe ouvinte de um sujeito surdo sobre essa abordagem?

Como se pode perceber, o processo de aquisição e desenvolvimento tanto da L1 quanto da L2 é bastante complexo e envolve diversos fatores. Entre eles, a relação das jovens com seus familiares. Levando isso em consideração, nos questionamos sobre o que os pais pensam sobre o bilinguismo no processo de aquisição e desenvolvimento da L2 por surdos que utilizam a Libras como meio comunicacional. Sendo assim, por meio de uma entrevista áudio gravada (autorizada pelo participante a partir da assinatura do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido), foi realizada uma pesquisa com uma mãe de um dos integrantes do GEPLIS, na qual foram questionados alguns pontos sobre a vida linguística de seu filho. Em seguida, se realizou alguns recortes e esses foram analisados de acordo com os objetivos da pesquisa. Abaixo, segue a transcrição e a análise da entrevista da mãe de um surdo de 17 anos do gênero masculino matriculado nos anos finais do ensino fundamental.

TABELA 1: ENTREVISTA COM A MÃE DO SUJEITO SURDO

ENTREVISTADOR	MÃE
1. Com quantos anos vocês tiveram o diagnóstico de que seu filho era surdo? Como foi ter que lidar com isso nesse primeiro momento?	Com menos de 1 ano. Foi muito difícil... muito difícil, porque não tem ninguém na família. Não conhecia, né?
2. Houve algum tipo de suporte continuado de especialistas para a criança e para vocês após o diagnóstico da surdez? Se sim, como foi esse acompanhamento?	Disseram “ele é surdo, tem surdez profunda nos dois ouvidos e mandaram para um fonoaudiólogo”, mas não disseram onde eu poderia encontrar essa fono. Também não me esclareceram se havia possibilidade de ele falar, de ouvir...não foram claros. Ele só teve contato com a fono aos dois anos.
3. O jovem começou a aprender libras com quantos anos?	Com três. Todo mundo. Não perfeitamente, né? Mas falam.

Quantas pessoas na sua casa utilizam a libras para se comunicar com ele?	
4. Quando houve e como foi o primeiro contato da criança com o meio educacional?	Com 2 anos, coloquei em uma sala que só tinha ele de surdo..., mas só para ele interagir com outras crianças. Não matricularam, mas ele ficava frequentando.
5. E como era o contato com essas crianças?	Era fácil, porque eram crianças pequenininhas, já que foi antes dos três. Daí antes do três quando me mudei ele já começou a estudar aqui (Recife) com crianças surdas.
6. Atualmente, como anda o desenvolvimento dele no âmbito escolar? Os resultados têm sido positivos?	Assim, a nota dele é sempre fraca, sempre baixa. E os professores sempre falam que há dificuldades...e também, disperso, conversa muito, aí fica mais difícil ainda!
7. Mas ele possui dificuldades em todas as disciplinas ou em alguma específica?	Ele gosta muito de história, e eu acho que quando a gente gosta facilita. Ele gosta muito, fica em casa pesquisando, olhando no Youtube...segunda guerra mundial, essas coisas.
8. A escola na qual ele estuda é de caráter inclusivo? Se sim, qual a metodologia utilizada para que as crianças possam compreender o assunto que é ministrado pelo (a) professor (a)?	Sim, é inclusiva. Têm pessoas surdas e ouvintes. Aí tem o interprete e o professor.
9. Quais as maiores dificuldades, em relação à leitura e à escrita que você percebe em seu filho?	A dificuldade mesmo é que ele não sabe ler...literalmente. Ele conhece algumas palavras, mas se ele pegar um texto ele não vai saber dizer o que tem ali. Ele sai me mostrando as palavras que ele já conhece, mas não sabe o que tem ali; o conteúdo em si. [...] Ele não gosta de ler, mas de ver vídeos. Mas ele entende, porque ele vem me explicar o que aconteceu, ele me diz o ano em que Hitler morreu, essas coisas, né? O que ele consegue entender eu acho que da legenda, mas ele me conta tudinho o que aconteceu, quais países que participaram. Eu até fico “como é que ele entendeu?” Porque a leitura mesmo, assim, ele só sabe vasada, algumas palavras e vai pegando, mas aí ele compreende quando vê o vídeo.

10. Quais soluções você acredita que seriam as mais viáveis para sanar essas problemáticas?	Eu acho que a aula teria que ser toda programada para o surdo, eu acho assim. Porque ela vem toda estruturada na língua portuguesa, e quando o surdo tem dúvida ele não vai ao professor, vai ao interprete. [...] Pronto, é isso. Tanto da leitura quanto da escrita, são só as palavras que ele conseguiu memorizar digamos assim. Ele ainda consegue fazer alguma frase, mas frases pequenas.
11. Você conhece a abordagem Bilinguismo?	Eu já ouvi falar, mas em si mesmo, eu não sei como funciona. [Após o entrevistador explicar como funciona a abordagem, a mãe a achou interessante e disse que talvez assim eles aprendessem mais, pois, ele argumenta, toma posições, reconta diversas coisas para mãe (como os assuntos de história), mas faz isso em língua de sinais; sua língua natural. Segundo a mãe, em libras “ele interpreta, ele interage.”]
12. O que você acha da abordagem Bilinguismo no processo de ensino/aprendizagem de crianças surdas?	A ideal, né? Com certeza! Com certeza, até porque eu tiro por mim, se eu fosse falar em uma outra língua, eu iria preferir primeiro adquirir na minha língua, né? Para poder ver como aquilo ficaria nessa outra língua, né? Acho que facilitaria. E assim, adquirir o conhecimento mais rápido, né? Porque mesmo estando no 9º ano, o básico que é ler e escrever, eles não sabem, a maioria. É importante o contato com a língua portuguesa também, porque não tem como tirar. Não tem como, ele vai ter que usar as duas (Libras e Língua Portuguesa), sempre.

Como é possível observar, apesar de leiga sobre determinadas questões, a mãe do aluno consegue perceber e discutir o que para ela seria o ideal no desenvolvimento da L2 do filho. Posicionamentos que, inclusive, corroboram com o que Góes (1996), Quadros (1997) e Fernandes (2006) acreditam sobre a abordagem Bilinguismo. Além disso, quando se é explicado a ela sobre como funciona essa filosofia, ela diz ser essa a ideal, pois percebe em seu âmbito familiar que quando o filho utiliza a libras, ele consegue argumentar, expor e recontar algo que viu ou gosta. O que, como reitera Santana (2007), é muito importante, tendo em vista que ao utilizar a Libras dentro do âmbito doméstico, o sujeito surdo a desenvolve de maneira mais eficaz em comparação ao que ocorreria se apenas a utilizasse no ambiente escolar.

Além disso, confirma-se o que Almeida e Santos (2016) pontuam sobre a argumentação dos indivíduos surdos – que a argumentação desses sujeitos ocorre de modo mais significativo em sua L1 – já que a mãe afirma que o rapaz argumenta e toma posições, mas que isso ocorre na língua natural dele; a Libras.

Nota-se que a mãe vê a escola como um dos elementos responsáveis pelo filho não ter desenvolvido como se espera a Língua Portuguesa. Afinal, mesmo estando nos anos finais do ensino fundamental, o aluno possui dificuldades bastantes expressivas com o português. Sobre isso, Scopel, Souza e Lemos (2011) fazem ponderações importantes:

O desenvolvimento da linguagem depende não somente das condições biológicas inatas de cada indivíduo, como também sofre influência de fatores ambientais presentes nos meios em que as crianças estão inseridas, como por exemplo, a família e a escola. O meio assume um papel essencial no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, pois nele a criança vai se desenvolver de forma progressiva. Em um ambiente estimulante e facilitador a complexidade da linguagem da criança ou de cada indivíduo se desenvolverá de forma natural respeitando o ritmo individual. [...] As crianças estão sendo colocadas cada vez mais cedo e num período maior de tempo em instituições de educação infantil, portanto é importante que o ambiente escolar também seja avaliado, de forma que esse possa oferecer as melhores condições possíveis para o desenvolvimento infantil. Estes devem ser ambientes ricos em recursos em estimulação ao desenvolvimento de linguagem, principalmente na fase pré-escolar, fase na qual a criança começa a desenvolver conhecimentos e capacidade importantes para o bom desempenho não apenas escolar, mas também social e emocional (SCOPEL, SOUZA e LEMOS, 2011, pag.2)

Ou seja, um adequado desenvolvimento da linguagem depende de fatores intrínsecos e extrínsecos. Dessa forma, as influências dos ambientes nos quais as crianças estão inseridas são de grande importância para o seu desenvolvimento linguístico. Fator que torna a interação mediada pela linguagem um papel importante não apenas na construção do conhecimento escolar, como também no desenvolvimento de diferentes processos psicológicos e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, consegue-se perceber a grande importância que a família tem no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem de seus familiares surdos. Afinal, são eles que podem (im)possibilitar o primeiro momento de aprendizagem da Libras. Dessa forma, é primordial que a família possa proporcionar um âmbito no qual a criança possa consolidar sua L1, para que posteriormente, possa adquirir de maneira substancial uma L2 – no caso dos surdos brasileiros, a Língua Portuguesa.

Apesar de ser leiga em determinados aspectos, a mãe que nos proporcionou os dados da pesquisa corrobora com aquilo que pesquisadores da área afirmam há tempos; o bilinguismo parece ser a chave ideal para destrancar as portas que inviabilizam um bom desenvolvimento no que diz respeito aos conteúdos escolares quando se trata de surdos que utilizam a Libras como meio comunicacional. Pois, como a mesma afirma, o seu filho consegue argumentar, recontar e inferir em Língua de Sinais – ato que não ocorre em Língua Portuguesa.

O que anuncia que apesar dos estudos existentes na academia acerca do desenvolvimento da Língua Portuguesa por surdos, muitas necessidades ainda precisam ser sanadas. Dentre elas, a grande dificuldade que esses sujeitos possuem em conseguir estar inseridos em um contexto bilíngue que proporcione aquilo que a teoria elucida; a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais sendo utilizadas e desenvolvidas de modo equivalente, funcionando uma como suporte da outra. Para que assim, haja uma melhor compreensão e desenvolvimento desses sujeitos no que diz respeito às competências linguísticas.

O que nos faz perceber que apesar de, teoricamente, vivenciarmos no Brasil uma realidade baseada no Bilinguismo, que está em consonância com o que se vive ao redor do mundo, ainda não atendemos às necessidades postas. O que nos põe em patamares inferiores às realidades bilíngues vivenciadas em países como França, Estados Unidos e Suécia, referências mundiais no que diz respeito à educação de surdos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Matheus Lucas; SANTOS, Izabelly Correia dos. **Argumentação no Processo de Leitura: Uma Análise Sobre a Presença da Argumentatividade no Processo de Leitura em Língua Portuguesa por Surdos do Ensino Fundamental**. In: IV Semana de Letras da UFPE - Ariano Suassuna: influências, confluências e uma vida em prol da cultura nacional. Recife, 2016.
- ALVES, Elaine Gomes dos Reis. **A morte do filho idealizado**. O Mundo da Saúde, São Paulo - 2012;36(1):90-97.
- BARBOSA, Marcela Gomes. **A palavra dos pais – do diagnóstico à terapia fonoaudiológica para surdos: análise de relatos de necessidades**. Monografia (Graduação) – Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria Acadêmica. Coordenação Geral de Graduação. Curso de Fonoaudiologia, 2016.
- FELIPE, T. A. **LIBRAS em contexto**. Curso básico: Livro do estudante. 8ª ed. Rio de Janeiro: WalPrint, 2007.
- FESTA, Priscila Soares Vidal; OLIVEIRA, Daiane Cristine de. **Bilinguismo e surdez: conhecendo essa abordagem no Brasil e em outros países**. Ensaio Pedagógico. Revista eletrônica do curso de Pedagogia das Faculdades OPET, Dezembro de 2012.
- GOLDFELD, M. **A criança surda: Linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. 2ª ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- MORI, Nerli Nonato Ribeiro; SANDER, Ricardo Ernani. **História da educação dos surdos no Brasil**. Seminário de Pesquisa do PPE. Universidade Estadual de Maringá, Dezembro de 2015.

SABANAI, N. L. **A Evolução da Comunicação entre e com surdos no Brasil.** Revista Helb, Revista Helb Ano I nº 1, v. 1, 01 jun. 2006.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurológicas.** São Paulo: Plexus, 2007.

SANTOS, Izabelly Correia dos. **A formação dos professores de libras: desafios a serem superados.** In: Ii Congresso Internacional De Educação Inclusiva e II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva. Campina Grande-PB, 2016.

SCOPEL, Ramilla Recla; SOUZA, Valquíria Conceição; LEMOS, Stela Maris Aguiar. **A influência do ambiente familiar e escolar na aquisição e no desenvolvimento da linguagem: revisão de literatura.** Rev. CEFAC. São Paulo, 2011.

Artigo recebido em: 11/07/19

Artigo aceito em: 14/08/19